

# O Bird abre o cofre. Mas perdão está difícil.

O Banco Mundial (Bird) garantiu ontem — promessa do diretor de área Brasil, Armeane Choski, e do representante do Bird no Brasil, George Papadopoulos, feita ao presidente do Banco Central, Elmo Camões — o empréstimo de US\$ 500 milhões para a reforma em curso do sistema financeiro brasileiro. Mas banqueiros, fontes do governo e os três principais jornais dos Estados Unidos estão prevendo que será muito difícil pôr em prática o princípio de redução da dívida do Terceiro Mundo anunciado pelo secretário do Tesouro, James Brady.

Um banqueiro brasileiro que se encontrou com vários de seus credores americanos, desde sexta-feira, notou: "Estão todos muito reticentes, confusos. Só uma coisa parece absolutamente certa: se houver um perdão da dívida, nunca mais ganharemos dinheiro empres-tado."

Um funcionário do governo consultado ontem pelo correspondente Moisés Robinovici, comentou: "As novas ideias não são um solução mágica para o problema da dívida. Por enquanto, não passam de filosofia, de uma importante mudança de direção. Pelos meus cálculos, baseados em hipóteses, o Brasil, por exemplo, poderá reduzir o principal de sua dívida em 6 a 10 bilhões de dólares por ano, e o pagamento de juros, em 1 bilhão.

Alguns banqueiros internacionais dizem que só negociarão qualquer redução de dívida se os governos credores derem o exemplo inicial, como avisou o presidente do

Banco de Tóquio, Yusuke Kashiwagi, em matéria de ontem do *The Wall Street Journal*. Outros banqueiros, como John Reed, presidente do Citicorp, o maior credor do Brasil, advertiram que "a redução somente, não satisfará as necessidades de devedores e credores".

Porém, segundo Reed, "redução de dívida é a nova realidade, uma evolução natural."

O jornal *The New York Times* apela por uma ação urgente, agora que "as palavras mágicas", enfim, foram pronunciadas: redução da dívida. Num editorial publicado ontem, o *Times* suspeita que o secretário Brady possa estar subestimando o que seja necessário. Falta definir quais incentivos terão os bancos para aceitar o princípio de redução voluntária da dívida. Mesmo a esperança de que os países devedores consigam repatriar o capital que seus cidadãos depositaram no exterior "parece otimista". E também falta iniciar delicadas negociações sobre o novo papel atribuído ao Banco Mundial e ao FMI.

Outro editorial, do *Journal*, critica muito o secretário Brady pelo "anúncio da redução da dívida sem um plano para a redução da dívida". Para ele, "promessas vazias de alívio da dívida ameaçam cortar nossos amigos nas nações em desenvolvimento".

Para o jornal *The Washington Post*, o Plano Brady, que representa uma importante mudança na abordagem do problema da dívida, ainda enfrentará um longo e difícil caminho até a sua implementação.

5 MAR 1989